

Diabo. São coisas de um poder que ainda anda à solta.

Com lentidão, abriu uma portada e António Pires encolheu-se, defendendo as pálpebras fechadas com os dedos.

– Hoje é a transição e já lhe custa. Amanhã, morre à menor luz do dia. Saia, corra da volta para o abrigo. Sobretudo, não fale com ninguém. Veja os seus dentes. Já não são normais. Se alguém desconfiar, espeta-lhe um pau pelo peito dentro até que saia o grito.

«Não compreendo», disse o português. «Não compreendo nada do que dizem!»

Mas tinha apenas o estalajadeiro como interlocutor. Patrick Branwell deixara de falar. Ia pisando, com uma grande cólera, o soalho. Ao lamento de António Pires estacou.

– Levante-se, que eu vou consigo até lá – disse.

O estalajadeiro recuou sob o impacto da surpresa:

– É doido?

– Eu levo o homem para o seu destino. ‘Recorda-te de mim’: tem a certeza de que foi isso o que a criança disse?

– Disse-o a voz, assim que me apeei. Essa voz foi o fio que me prendeu. Se se aproxima, está sujeito ao mesmo.

– Essa criança é a minha irmã Maria. Essas palavras são-me dirigidas. É a minha irmã morta que me chama. Ouvi-a muita vez. Só que até hoje eu nunca soube de onde me chamava.

– Uma vampira já não chama por ninguém – disse Wornald, com a sua autoridade. Recebiam os três a cor leitosa que entrava pela janela e a palidez tornava-se comum a toda a sala. Os livros branquejavam como ossadas.

Patrick Branwell repetiu:

– É minha irmã.

O português estremeceu e levantou-se.

## VLAD, O EMPALADOR

João Tordo

Foi Vlad, o *Empalador*, quem me fez acreditar em vampiros. Eu tinha 12 anos e ele para cima de 50; ou assim me pareceu naquela altura, pois era muito mais parecido com o meu avô do que com o meu pai. Pode também ter sido a maquiagem e as roupas – e talvez Vlad fosse, na verdade, muito mais novo do que o julgara; ou, quem sabe, talvez não tivesse idade e fosse imortal. Mas isso, por agora, nada tem a ver com o assunto.

Éramos três. Eu, um miúdo silencioso e circunspeto chamado Xavier, e o Ernesto. Xavier era meu amigo desde criança. Ao Ernesto conhecera-o nesse ano, na escola, e hoje penso que apenas se juntou a nós – um trio insuspeito e solitário – porque mais ninguém o queria. Ernesto era grande e tinha um feitiço terrível. Nas aulas interrompia constantemente a professora Magda com perguntas despropositadas e com palavras até ela o mandar para a rua; uma vez no corredor, aterrorizava as contínuas escondendo-se em recantos e aparecendo-lhes de surpresa com um esgar maléfico no rosto. As contínuas gritavam, a turma ria-se, a professora desesperava. Nos intervalos, andava atrás dos miúdos mais novos no recreio e, com um isqueiro, pegava-lhes fogo às mochilas.

Eu e Xavier observámo-lo durante algum tempo em silêncio. Depois Ernesto veio ter connosco e perguntou-nos se gostaríamos de ir atirar pedras aos cisnes do lago que ficava no centro do jardim próximo da escola. Dissemos que sim; era difícil matar o tempo, e nenhum de nós tinha ideias. Nessa Primavera haveríamos de conhecer o vampiro.

Um final de tarde de Abril, a professora Magda levou-nos a um parque de diversões que ficava no meio da cidade. Alguns colegas faltaram porque os pais não os deixaram ir; eu pedi algum dinheiro à minha mãe – para mim e para o Xavier, uma vez que os pais dele raramente acediam a financiar qualquer género de diversão – e uma camioneta da escola deixou-nos à porta de uma feira com cheiro a algodão-doce e a estruمة. Havia um circo dentro da feira, talvez fosse essa a razão do cheiro. Ernesto trazia muito mais dinheiro do que nós e fiquei a pensar, sem saber porquê, que ele o roubara. A professora pagou a primeira diversão (o carrrossel, de que ninguém gostava excepto as raparigas) e, depois, ficámos por nossa conta, combinando uma hora de partida junto dos portões. O parque estava vazio naquela altura do ano e, por vezes, parecia um lugar assombrado; havia uma montanha-russa velha e decrepita que, se fosse posta em marcha, provavelmente desabararia, e uma pista de carrinhos de choque em desuso, com os carros ferrugentos arrumados a um canto.

Ernesto estava mais inquieto do que o habitual. Eu e Xavier caminhávamos atrás dele, arrastando os nossos ténis maltratados pela terra, na quietude habitual, enquanto Ernesto ria alarvemente da avançada decomposição daquele lugar. “Olhem para aquilo”, dizia, apontando para a roda gigante. “Aposto que ficou parada a meio da viagem e houve gente que morreu de fome lá em cima.” Ria-se muito, o seu riso histriónico e agudo a que eu e Xavier nos havíamos habituado, e olhava-nos sem piedade. “Vámos, estúpidos”, mandava. Quando nos cruzámos com um palhaço que fumava um cigarro encostado a uma tenda, Ernesto fez-lhe caretas e perguntou-lhe se era o palhaço pobre. O palhaço gesticulou coisas feias e veio atrás de nós e Ernesto correu à frente a rir-se muito alto da patifaria.

Escolhemos o comboio-fantasma. Apesar de todo o dinheiro que tinha, Ernesto obrigou-me a pagar. Era a minha vez, explicou. Entrámos no vagão e uma senhora disse-nos para nos mantermos sentados e não tocarmos em nada. Assim que o vagão avançou pelo carril e passou as portas de entrada, Ernesto levantou-se e começou a arrancar as teias de aranha que decoravam os cenários. Movíamos-nos lentamente, a chiar, pelo carril acidentado, e os sustos eram pouco convincentes: uma bruxa desdentada de madeira que surgia de uma porta fluorescente, um homem decapitado que segurava a sua própria cabeça atrás de uma jaula,

um caixão que se abria e de onde saía um esqueleto ao qual faltava as falanges de uma mão; pelo meio, urros e gemidos, o bater de ossos, sons horrípidos. Xavier dava pequenos saltos à aparição de cada nova criatura: eu mantinha-me sentado tal como a senhora dissera; e Ernesto, à proa da nossa pequena embarcação, como um pirata desgovernado pela promessa de fortuna, ria às gargalhadas com cada uma das tristes surpresas que iam surgindo, tentando arrancar bocados de coisas.

Quando o vagão fez uma curva apertada à esquerda o vampiro apareceu. Encontrava-se de pé no final de uma recta, uma longa capa negra cobrindo-lhe os ombros, as pernas abertas ladeando os carris. Iluminado por uma névoa vermelha, tapava o único caminho que era possível ao vagão percorrer. Até Ernesto fez um segundo de silêncio: aquele não era um boneco, tinha o tamanho de um homem e a postura de um homem. O rosto estava escondido pela obscuridade, mas o chapéu alto e as longas unhas denunciavam-lhe a espécie. Ernesto logo recuperou a insolência e voltou-se para trás. “É o avô do Drácula!”, gritou. Ao meu lado senti Xavier alerta e depois soerguer-se no assento quando o vampiro levou a aba da capa ao rosto, protegendo a sua identidade do pirata que, num historismo próximo da loucura, gritava impropérios àquela figura enevoada que se recusava a sair do trilho. Xavier tapou os olhos no momento do embate, mas este não aconteceu: o vampiro subitamente ergueu-se no ar – levado por engenhos invisíveis, calculei mais tarde – e sobrevoou o vagão como o anjo negro da morte sobre os túmulos das suas vítimas. Mas não escapou incólume: Ernesto lançara-lhe uma mão e roubara-lhe um dos sapatos. Pouco depois a viagem terminou e saímos por portas idênticas às que havíamos atravessado no início. Ernesto bradava aos céus da miséria daquela diversão e, ao mesmo tempo, ria sem parar, levantando bem alto o troféu que arrecadara. A senhora que sentava os passageiros olhava-nos com estranheza.

Era um sapato preto normal, sem fivelas ou atacadores, dos que se calçam facilmente e também facilmente se tiram. Quando nos afastámos do comboio-fantasma Ernesto atirou-o para um caixote do lixo. Regressámos aos portões da feira depois da hora combinada. A noite caía. Eu e Xavier caminhávamos a passo rápido, mas Ernesto ficara para trás, severa se nos atrasássemos. Primeiro vi a turma reunida junto da saída,

depois procurei sinal dela; e foi então que o vi. Xavier e Ernesto não o reconheceram – para eles, o vampiro ficara na semiobscuridade de um troço decorado com teias de aranha – mas eu soube que era ele, mesmo estando de costas para nós. Falava com a professora e era muito alto, muito mais do que parecera à distância. Tinha as costas encurvadas. O cabelo grisalho e emaranhado estava agora preso num rabo-de-cavalo; vestia um fato-macaco sujo de óleo e botas pretas de cavador. Tinha a pele amarela. A professora Magda sorria e escurtava-o. Devo ter abrandado o passo, pois Ernesto passou-nos à frente. Xavier, como sempre, ficou do meu lado. A professora voltou-se para a turma e disse:

“Quem andou no comboio-fantasma? Este é o senhor Vlad, o vampiro de serviço.”

O homem pigarreou e, vasculhando os pequenos rostos com os seus olhos baços e injectados de sangue, acrescentou, numa voz tão grave que pareceu sobrenatural: “Vlad, o *Empalador*”.

Depois olhou fixamente para Ernesto e sorriu cheio de maldade.

Porque o medo é um perfume tão forte – ou, simplesmente, porque um miúdo segue os seus amigos até ao fundo de um poço à procura de coisas perdidas – eu, Xavier e Ernesto começámos a frequentar o parque de diversões. Eu e Xavier não tínhamos particular vontade de o fazer, mas Ernesto recusava-se a deixar-nos ir para casa a seguir às aulas sempre que, por algum acaso ou fruto de um furto, se encontrava com dinheiro no bolso. Os meus pais davam-me sempre dinheiro para o lanche e nenhum de nós lançava, por isso tinha sempre mais do que precisava. Xavier, o mais pobre, pagava os bilhetes de autocarro. Uma tarde, quando Ernesto caminhava decidido à nossa frente, Xavier confessou-me em voz baixa que voltar ao parque de diversões era um erro. Ele dizia coisas misteriosas como estas de vez em quando e não me dei ao trabalho de lhe perguntar porquê.

Cedo compreendi que Ernesto não queria ir ao parque de diversões; queria, uma e outra vez, andar no comboio-fantasma. No princípio ainda protestei, mas logo me dei conta que os meus protestos serviriam apenas para o incendiar ainda mais – e eu tinha medo de Ernesto, tinha receio de que ele me agredisse. Nos meus sonhos, espancava-me até à inconsciência de frente dos meus colegas à porta da escola e ria-se muito

alto, deixando-me no chão com a cabeça enfiada num canteiro. De maneira que, nessa Primavera, ficámos a conhecer intimamente o trilho accidentado e monótono daquele comboio-fantasma.

A coisa podia ter ficado por aí se Ernesto não estivesse determinado em fazer a vida negra a Vlad, o *Empalador*. Desde que o homem annunciara o seu nome com pompa e circunstância à frente da turma inteira que Ernesto não se cansava de, nas aulas e nos intervalos, assumir a expressão intensa de um louco – o esforço era mínimo, como tantas vezes ressaltava Xavier – e, levando o cotovelo à frente do rosto, anunciar a vontade de chupar o sangue às raparigas e à professora Magda. Esta mandava-o para a rua aterrorizar as contínuas. Era, porém, no vagão do comboio-fantasma que Ernesto se excedia. Não me recordo precisamente de quantas vezes fomos ao parque, nem de quantas vezes andámos naquela diversão; mas sei que o vampiro ficou meia-dúzia de vezes sem sapatos (que acabavam, invariavelmente, no caixote do lixo) e outra meia-dúzia de vezes sem dignidade.

Ernesto fez tudo o que pôde para o humilhar. Uma vez, trouxe uma bisnaga de água que tinha a forma de uma pistola fluorescente e quando Vlad sobrevoou o nosso vagão espirrou-lhe o rosto sem piedade; arre-messou-lhe, noutras ocasiões, dezenas de objectos que ia guardando na mochila da escola (incluindo pedras, fruta podre e bolas de matraquilhos); bateu-lhe, cuspiu-lhe, encheu-lhe os olhos de terra, rasgou-lhe a roupa e a capa; e, enquanto Ernesto fazia tudo isto, eu e Xavier sentávamo-nos no banco traseiro do vagão pactuando com aquele triste espectáculo por medo de levar uma tarreia. Quando a viagem terminava, saíamos dali o mais depressa possível, quase a correr pelo parque de diversões fora. Até Ernesto temia, de certa maneira, a represália do vampiro; também ele temia aquela figura escura e misteriosa, e talvez fosse essa a razão pela qual a atormentava. Só que Ernesto fugia a rir e eu e Xavier fugíamos como se tivéssemos visto o diabo.

Numa sexta-feira quente de Junho Xavier recusou-se a entrar no comboio-fantasma. Havia algum tempo que falávamos em desistir enquanto era tempo e, perante a minha indecisão, ele decidiu sozinho. Ou talvez tenha sido a terrível visão do canivete no bolso de Ernesto. Xavier disse:

“Não entro ali contigo se tiveres isso no bolso.”

Estávamos no meio do parque. Pais e filhos comiam algodão-doce e cruzavam-nos em todas as direcções. Havia luzes de todas as cores, e barulho, e a música repetitiva própria das feiras. O parque continuava a ser uma miséria, mas era o único da cidade. Ernesto mostrara-nos o canivete como se nos mostrasse um prémio. Xavier olhara-me preocupado e depois disse aquilo a Ernesto. Seguiu-se uma discussão que terminou com Xavier no chão, depois de Ernesto o socar com muita força. Olhei para Xavier, que sangrava do nariz, e quis ajudá-lo a levantar-se, mas Ernesto colocou-se entre nós.

“Queres levar também?”, ameaçou.

Tive de abandonar o meu amigo e de seguir Ernesto, que me arrastou pelo colarinho. Olhei para trás e vi Xavier ainda no chão, como se me afastasse num navio em direcção a uma sinistra borrasca. Na minha cabeça surgiam imagens terríveis do que faria Ernesto com aquele canivete, do que faria erguendo a mão pesada e vigorosa e rasgando o corpo do vampiro de um lado ao outro, cujas vísceras desceriam sobre nós como as máscaras de oxigénio de um avião. Havia uma fila para o comboio-fantasma, mas Ernesto ameaçou dois miúdos mais pequenos e passámos-lhes à frente. Entrámos no vagão. A bruxa remexia a sopa, o esqueleto saiu do caixão, o homem decapitado segurava a cabeça, a múmia ergueu os braços para nos atormentar; e, depois, chegámos à curva que levava à recta do vampiro. Assisti horrorizado ao momento em que Ernesto abriu o canivete. Fê-lo em câmara lenta: a lâmina descobriu-se devagar, uma língua brilhante na obscuridade do tunel. No fundo, não acreditava que ele o fosse usar para magoar Vlad, o *Empalador*; mas para que servia então?

Nunca cheguei a descobrir. Na recta do vampiro não se encontrava ninguém: apenas o carril, mergulhado em efeitos pirotécnicos e na névoa vermelha. Ernesto gritou:

“Olha, o covarde escondeu-se!”

O vagão aproximou-se devagar – a velocidade diminuía naquele troço para aumentar a expectativa –, as rodas chiando sobre o ferro puido. Havia um estranho silêncio, como se as vozes gravadas das criaturas pertencessem ao passado. Agora estávamos sozinhos. O fumo adensou-se e, quando atravessámos o lugar onde sempre havíamos encontrado Vlad, uma figura emergiu das sombras – não à nossa frente,

mas atrás do vagão. Voltei a cabeça e adivinhei o vampiro, que se tinha esquecido de entrar em cena; pela duração de um instante fiquei cego pelo volume do seu corpo coberto pelo manto negro; ouvi um grito sufocado; e, quando a figura desapareceu nas sombras, encontrava-me sozinho dentro do vagão. Uns momentos mais tarde emergi dos túneis do comboio-fantasma para as luzes ofuscantes da feira.

Com excepção de Xavier, nunca falei a ninguém do que acontecera. Nem aos meus pais, nem aos meus colegas, nem à professora Magda. Conteí apenas ao meu amigo – contei-lhe, uma e outra vez, como se contasse a mim próprio –, mas Xavier já decidira havia algum tempo que Ernesto não era um problema seu. Ele avisara-me de que regressar àquele parque era um erro e eu ignorara os seus avisos. “Fica contente por ter sido ele e não tu”, disse-me. E depois, subitamente, como se nunca nos tivéssemos conhecido, abandonámos a nossa amizade. De um dia para o outro, tornámo-nos estranhos: sentávamo-nos na mesma sala de aula, cruzávamo-nos nos corredores, avistávamo-nos no pátio; e, ainda assim, permanecíamos sós. Havia um segredo que era um abismo nas nossas vidas.

Durante alguns dias ninguém deu pela falta de Ernesto. Envergonho-me de o dizer, mas parecem-me ter sido dias felizes, como os que se encontram num bosque quando os animais vão beber ao riacho. Os meus colegas sorriam, as contínuas trabalhavam sem medo, a professora Magda raramente era interrompida. Depois apareceu um homem acompanhado do director da escola – um homenzinho tímido, pálido, de boné amarrado entre as mãos – que veio falar com a professora Magda. Bateram à porta da sala e ela foi ao corredor. Voltou uns minutos depois e anunciou que o tio de Ernesto, com quem este vivia, trouxera a notícia de que o nosso colega se encontrava doente. A doença era prolongada e, provavelmente, Ernesto não voltaria à escola até ao final do ano. Eu suei profusamente durante esses momentos e mantive a cabeça baixa e os olhos na secretária.

No pátio, escondi-me nas sombras. Senti-me tentado a procurar Xavier e a derramar os meus medos – ele saberia o que dizer para me acalmar –, mas era tarde de mais para procurar consolo na sua placidez. O próprio Xavier parecia ter mudado, como se o desaparecimento de

Ernesto houvesse alterado a natureza das coisas. Imaginei Ernesto deitado na cama, a pele mortíça e amarelecida como a de Vlad, o *Empalador*; imaginei as visitas nocturnas do vampiro; imaginei quantos teriam sofrido o contágio. Se Ernesto estava contaminado, o seu tio também estaria; e, quem sabe, a professora Magda também fosse agora vítima do monstro. Ou o director da escola, ou os meus pais.

À noite, no meu quarto, fechava as janelas apesar do calor. Trancava a porta; debaixo dos cobertores, tremia de receio; dormia pouco. Será que o vampiro viria por mim? Ele levava o nosso colega e, embora Ernesto nunca tivesse sido um amigo, era apenas um rapaz. Nunca o visitei. Talvez já não estivesse em casa do tio; talvez estivesse morto. Sem saber porquê, imaginava que Vlad, o *Empalador*, o tinha enterrado no cemitério do alto da colina onde eu vivia; que, numa noite de lua cheia, Ernesto se ergueria do seu túmulo de terra fria e bolorenta para me atormentar eternamente, chupando o sangue do meu pescoço lívido da mesma maneira que Vlad chupara o seu. E, depois, negava tudo, desmentia, recusava-me a acreditar em vampiros; jurava a mim próprio que eram protótipos da minha imaginação excitada e da culpa que me dilacerava.

A Primavera deu lugar ao Verão. As raparigas começaram a usar saias e os rapazes calções e camisas de manga curta. Eu e Xavier passámos ao lado desta mudança e, embora não falássemos – era agora um pacto estabelecido entre nós, um ancestral acordo de silêncio –, qualquer pessoa conseguia perceber que éramos cúmplices. Não sei se ele alguma vez regressou ao parque de diversões, e gostaria de lho ter perguntado; gostaria, até, de o ter acompanhado numa noite de calor e de ter procurado, como se fôssemos detectives, pelos resquícios do ataque a Ernesto; talvez pudesse ter escrito uma história acerca do assunto.

Porém não éramos detectives; e o que lhe acontecera era, provavelmente, indizível. Haveria resquícios? Haveria, naquele túnel sombrio, resquícios do sangue de um rapaz de 12 anos atacado pelo vampiro de um parque de diversões? Haveria maneira de contar a alguém o que tinha acontecido sem passarmos por dois miúdos mórbidos que brincavam com assuntos sérios?

Quando o Verão chegou já todos o haviam esquecido. Ernesto era um miúdo pobre e sem importância; alguns diziam que não tinha pais.

O tio, como vim a descobrir muitos anos depois, mudou-se para uma aldeia duzentos quilómetros a sul da cidade e, no dia dos seus 50 anos, suicidou-se. O vampiro escolhera a vítima perfeita, um buraco negro na constituição do Universo, um lapso momentâneo de deus. Restava sugar-lhe o sangue até não sobrar qualquer resquício.

Também eu teria esquecido Ernesto – ou, se não o esquecesse, tê-lo-ia arrumado no sótão das memórias estranhas – se, no final desse Verão...

Xavier desaparecera da minha vida. Fui de férias com os meus pais e regresssei quando a cidade ainda dormia ao relento, o sol escaldante, a água escassa. Sentia-me sozinho no mundo, mas, com 13 anos, descobrira coisas de que não suspeitava sobre os rapazes e as raparigas, e esses pensamentos mantinham-me entretido e inquieto. Já não pensava em vampiros, nem trancava a janela do quarto; havia outras coisas por descobrir, existiam livros na biblioteca do meu pai a que nunca prestara atenção e que queria ler avidamente. Escondia-os na mochila e levava-os comigo para o jardim. Lia-os sentado sobre a relva, enfiados no meio de um manual escolar. Corava. Desejava. Habitava um mundo profano. Se Xavier tivesse estado comigo teríamos falado das coisas que descobrira. Sabia, por exemplo, depois de ter lido um capítulo de um romance, que as mulheres sangravam do sexo. A ideia deixava-me estupefacto e fazia-me corar. Durante algum tempo pensei que seriam os homens a fazê-las sangrar e depois um outro livro – um livro de médicos e cientistas – explicou-me que sangravam sozinhas. Senti-me menos culpado.

Se alguma vez pensava em Ernesto? Era Ernesto quem pensava em mim. O seu rosto surgia dentro da minha cabeça como uma coisa involuntária e à deriva; eu resistia-lhe, lutava contra ela, dizia-lhe que se fosse embora. Preferia pensar nas raparigas que atravessavam o parque, umas mais novas e outras mais velhas, umas a sangrarem do sexo e outras não; todas elas em direcção a um lado qualquer onde, um dia, as encontraria a meio do caminho.

Depois, no princípio de uma noite ventosa em que regressava a casa – ansioso pelo momento em que me pudesse deitar sozinho na minha cama e fechar os olhos e sonhar com as raparigas – vi o vampiro do comboio-fantasma que levava Ernesto. Estava parado num passeio, à espera que o semáforo mudasse do vermelho para o verde. Reconheci-o

logo. A mesma espinha curvada, as mesmas mãos enormes e venosas, a mesma pele amarela, o mesmo cabelo grisalho. Usava um fato-macaco sujo de óleo e botas de cavador. Vlad, o *Empalador*, monstro devorador de sangue, aguardava sinal para atravessar a estrada. O meu corpo aqueceu como uma panela de pressão; senti-me zozno, julguei que ia desmaiar. Escondi-me atrás de uma árvore. Quando o coração deixou de dar saltos dentro do meu peito atrevi-me a espreitar. O vampiro caminhava devagar. A cidade estava escura e os meus pais esperavam-me para jantar, porém decidi segui-lo. Tinha de o fazer.

Caminhei atrás dele durante muito tempo. A Lua surgiu no céu, redonda e luminosa, a sua brancura cruel recortada contra a vastidão nebulosa do Universo. O vento era quente, mas eu sentia frio; sentia um medo terrível que me enregelava os ossos. Vlad andava pela cidade sem rumo aparente, e contido a sua passada era segura e definitiva, a passada de uma criatura cujos mais pequenos vagares eram premeditados. Mantive-me distante, a cinquenta passos do vampiro, para que não me pudesse ver – como se Vlad precisasse de olhar para saber que eu ali estava! –, e, subitamente, reconheci a rua em que estávamos. Vi, à distância, o contorno da roda gigante, uma sombra negra como carvão contra a claridade espectral da noite. Vlad entrou no parque pelo caminho de terra que nascia do passeio quebrado da cidade, repleto de ervas daninhas e de musgo. A terra era suave debaixo dos meus pés. Deveria haver luzes, mas só havia os vultos imóveis das casotas onde se escondiam os prazeres de outrora; as antenas dos carros de choque, arrumados na pista, sibilavam à passagem da forte brisa.

Depois Vlad desapareceu, deixando a vaga lembrança do seu vulto na noite. Olhei em todas as direcções, mas tudo o que vi foram as formas ameaçadoras das coisas imóveis: uma tenda, um cavalo no carrossel, a barraca abandonada do algodão-doce. Tive medo, como se as coisas se movessem sozinhas quando desviava os olhos; avancei a passo rápido, procurando a sombra do vampiro. Encontrei o comboio-fantasma. Ali estava a grande máquina, escondida por tapumes e um tecto falso; o carril percorria um semicírculo entre os dois pares de portas, cujas dobradiças rangiam e chiavam. Pensei que devia sair dali, mas uma vez mais o meu corpo desobedeceu à vontade. As portas de saída abriram-se e do interior surgiu um dos vagões. Vinha vazio e fez o percurso de sempre

movido pela electricidade, parando a meio do caminho entre as portas. Mas não havia electricidade; não existia qualquer luz excepto a da Lua. Avancei um passo. O vagão aguardava-me, titubeante; queria levar-me para dentro da máquina, onde Vlad, o *Empalador*, me esperava. Era um convite sedutor; tive de lutar com todas as minhas forças.

Corri para casa, o vento a bater-me nos olhos, e chorei. Perdi-me no caminho e cheguei tarde, muito depois da hora do jantar.

No Outono os meus pais mudaram de casa e eu mudei de escola. Nunca mais vi ninguém desses tempos: os meus colegas, a professora Magda, o vampiro, as raparigas no parque. E, porém, não é verdade. Um dia encontrei Xavier no salão de jogos a que costumávamos ir e, depois de um cumprimento tímido, perguntei-lhe por Ernesto. Ele disse que Ernesto regressara à escola em Outubro depois de uma longa ausência. Mas Ernesto já não parecia o mesmo; era uma pálida sombra de si próprio. Dizia-se que tinha tido icterícia e que por isso a pele ficara amarela e os olhos baços e cavados; que por isso estava tão magro, que por isso quase não falava e parecia um morto-vivo. Foi a icterícia, insistiu Xavier. Antes de nos despedirmos, perguntou-me se alguma vez regressara ao parque de diversões. Menti e disse-lhe que não. O que poderia eu dizer? Que Ernesto nunca estivera doente? Que, mesmo depois do Verão, quando as máquinas eram desligadas e o parque abandonado, o comboio-fantasma continuava a funcionar? Que Vlad, o *Empalador*, permanecia nas sombras junto dos carris, aguardando a sua próxima vítima? Que quem por lá passasse numa noite de lua cheia poderia encontrar a figura solitária de um miúdo, sentado num vagão que eternamente entrava e saía das portas moribundas daquela diversão sem vida?

Quem iria acreditar em mim?